

CLEMENTE



FILIPINO

Patricia Del Rey

PATRÍCIA DEL REY



AUTORA: Patricia Del Rey

ATRIZES: Adriana Lodi e Patricia Del Rey

TRILHA SONORA: Luiz Olivieri

DESIGN GRÁFICO: Maira Zannon | Ilha Design

DIAGRAMAÇÃO: Rafael Braga

DESENHOS: Freepik

FOTÓGRAFA: Paula Carrubba

REVISÃO: Jupira Correa

ASSESSORIA DE IMPRENSA: Larissa Sarmento | Brilha Assessoria

PRODUÇÃO: Patricia Del Rey e Cristiane Mello

ORÁCULO: Henrique Rocha

FICHA CATALOGRÁFICA

D331e

DEL Rey, Patrícia

Cimento fresco. Brasília, 2019.

80p. Il.

ISBN 978-85-912661-1-1

1. Poesia 2. Contos 3. Literatura brasileira I. Título II. Autor

CDU 869.0(81)-1

PATRÍCIA DEL REY

CIMENTO FRESCO

1ª EDIÇÃO

BRASÍLIA, 2019

ESTE PROJETO É REALIZADO COM RECURSOS DO FUNDO DE APOIO À CULTURA DO DISTRITO FEDERAL

FAC
FUNDO DE APOIO À
CULTURA
DO DISTRITO FEDERAL

T
VERSO
A
N
S


ANDAIME
cia de teatro


ilhadesign

**Secretaria
de Cultura**


GDF
É tempo de ação.

Sumário



1		6	Ela
2		12	Outros
3		16	Cotidiano
4		20	Cidade
5		24	Ele
6		28	Sexo
7		34	A três
8		38	Moscas
9		42	Conjunção
10		46	Fissura
11		48	Tremores
12		52	Solidão
13		56	Descida
14		62	Acabamento
15		66	Suspensão
16		70	Imersão
17		74	Devir

Cimento Fresco é também um audiolivro. Em cada capítulo, você poderá escutar a narração e trilha sonora criada para aquela parte da história. Para acessar basta fotografar o código QR e apertar o play.

Bom deleite!

@patriciaderey
 cimentofresco.com.br

Ela



O popo também se inverte.

Há o crescente desejo de estar cada vez mais

imersa nessa história.

Eu ando de peito aberto nos precipícios.
Ela me acompanha.

1



Duas linhas perpendiculares. Elas formam um ângulo reto. A geometria usual, comercial de margarina, pilar da propriedade com direito a herança, benção do padre, olhares orgulhosos. No modelo almejado não há espaço para outras intercessões. As alterações ou ramificações ficam proibidas. Digo, assim, à luz do dia. Demais linhas não devem entrecortar o ângulo reto. Curvas não são permitidas. É o marco zero, aquele que abre espaço, divide em dois eixos, são duas faixas que se cruzam.

O dia abre e Ela me convida pra ficar ao seu lado. O sol bate nas curvas dos longos cabelos ruivos que contrastam com a pele clara dela, os olhos esverdeados trazem o frescor da curiosidade típica dos visitantes de países esdrúxulos. Suas mãos são grandes, fortes e femininas. Tem a minha estatura, só que as pernas são finas e os seios menores - esses são do tamanho exato da minha mão. Gosto da cintura. Talvez seja o que mais se difere de um homem. Não é um corpo quadrado, musculoso. Tem essa quebra suave no meio e a dobrinha da cintura que dá vontade de morder. É um tecido adiposo, acolchoado, semelhante ao meu. O abraço vem coberto de uma textura macia, da voz aguda e de um curvo formato.

Foi num sarau dentro de uma passagem subterrânea que a conheci. O idealizador era um amigo arquiteto que revisitava espaços urbanos e criava lugares de deleite. Era admirável ver aquele túnel cheio de artistas celebrando o atento instante de desvio. Antes, rolava uma comoção para limpar o local, conseguir energia, colocar mais arte nas paredes, convidar os músicos - pormenores fei-

tos sem nenhuma autorização institucional-, transformando a ocupação em um evento ainda mais fabuloso. Em cima da gente, os eixos rodoviários, carros passavam velozes e não percebiam a poesia brotando debaixo da terra. Assim era a nossa cidade: o povo caminhava escondido em buracos de formigas, enquanto os carros desfilavam em largas ruas.

Eu recitava um poema erótico sobre a relação de um homem e sua amante, tinha os lábios pintados de vermelho e no microfone as palavras eram exibidas sem nenhum embaraço. Ela me olhava, escutava a poesia, fascinada. Após dois anos, o primeiro beijo aconteceu. Estávamos numa fila gigantesca, dentro de um banheiro imundo, em pleno carnaval. Fiz o convite de entrarmos juntas na cabine, para que fosse mais rápida a nossa ação ali dentro e pudéssemos voltar logo para o bloco que atravessaria a tesourinha. Foi nesse pequenino espaço de tempo, que Ela encostou, de forma delicada, os seus lábios nos meus, e as bocas entreabriram-se, aceitando o movimentar languido das línguas, o dançar lento das salivas que saboreava a mistura recém descoberta desse beijo entre amigas. Éramos confidentes. Tínhamos passado por situações semelhantes. De família abastada, convivendo com as opressões típicas desses clãs, encontramos na escrita a possibilidade de incorporar nossa revolta e clamar por uma pequena liberdade. Sair um pouco do que foi destinado a uma menina que nasce em “berço de ouro”. Talvez, para alguns, apaixonar-se por uma mulher também fosse mais um passo dessa rebeldia burguesa. Não que eu acreditasse nisso. Preferia ter a permissão de não seguir nenhum “padrão”, romper os limites preestabelecidos e ter audácia de fazer uma trilha desconhecida de pés descalços.

Eu andava de peito aberto nos precipícios. Ela me acompanhava. O jogo também se invertia. Havia o crescente desejo de estar cada vez mais imersa nessa história. Parecia que qualquer encontro virava epifania ao lado dela. Eu não tinha ideia do que era amar uma mulher. Todas as minúcias que incluíam estar entregue ao feminino. Os laços dados de maneira sutil que rapidamente viravam nós. A cumplicidade, o sangue que se encontrava, as roupas misturadas. Muitas vezes, estávamos vestidas iguais par de jarros. Era engraçado se encontrar e perceber o quanto dela havia em mim e o quanto de mim havia nela.

Ela suga e beija as bocas (de cima, de baixo), desliza a língua nos pentelhos, desenha uma rota na virilha, chega até a coxa esquerda medindo categoricamente o local que deposita a sua mordida, escutando o meu grito rouco. Com uma corda preta, Ela amarra as minhas mãos na cabeceira da cama, solta o lenço azul de seda chinesa que prende delicadamente seus cabelos e envolve nos meus olhos que estão ligados em toda a sua partitura corporal. Ela brilha. Conceitua o nosso amor dentro do meu ouvido. Começa a sorver o pescoço por cinco longos minutos enquanto as mãos tocam de forma gentil os bicos dos seios, vai derramando saliva durante o trajeto que sai de uma extremidade a outra, passa pela barriga e chega à entrada da boceta. Os dedos médio e indicador são introduzidos no ângulo de 90 graus tocando o ponto descoberto dentro e, com o polegar Ela esfrega delicadamente o clitóris que começa a ficar mais rígido, inchado, molhado. Meu líquido viscoso é derramado sobre os seus dedos e, aos poucos começa inundar as suas mãos e molhar o colchão. Ela me bebe suave pela beirada, dobra a língua, passa o freio dessa mesma língua em mim,

sem pressa, com capricho. Depois acomoda seu corpo e dança a voz feminina de uma cantora antiga de jazz em cima de mim. Após o ato, ficamos quietas, embriagadas de silêncio, apenas nós duas. É como se ali não estivéssemos, como se o quarto não fosse. Mãos enlaçadas, respiro suave. A intimidade encharca. Ela desamarra o lenço e permite que os olhos se encontrem, neles há um medo do que virá depois. Parece que qualquer movimento realizado pode atrapalhar a totalidade alcançada. Desenhamos formas abstratas no ar, mas duvidamos de alguns traços. É preferível se manter alheia a qualquer possibilidade de futuro, ficar ali e esquecer os oráculos definitivos.



Outros



?



Para cada encontro, o prenúncio da não volta. Talvez, assim, melhor fosse. Não perder mais nenhuma casca. Parar a contaminação no meio. Deveriam resistir ao choque apenas para não abalar uma fundação caduca, mofada e sufocante. Ou então se camuflar nas beiradas, no seu devido lugar, onde as vontades ditas ilícitas devem ser escondidas conforme o manual dos bons costumes.

Haviam as feridas escancaradas de um amor não assumido. Uma britadeira que não para de furar em cima de mim. Ou uma marreta que continua batendo, não seguindo ordem ou ritmo, mas sendo presente nos segundos perdidos, de forma incessante. A verdade é que, às vezes, o som dá uma pausa. É o tempo em que produzo o autoengano confiante de que esses ruídos contínuos irão cessar. Logo o toc, toc, toc, volta. Ou aquele zunido estridente de broca furando veemente o chão que em seu exterior parece algo firme, mas se esfarela nas introduções densas da ferramenta. A reforma que não se conclui. Existe também aquele sentimento de medo, dor, angústia, carcomendo o peito toda vez que uma mentira é recém inventada para encobertar o que nós somos. Desamor. Julgamento. Não aceitação. Desmoronamento dos sonhos infantis daqueles que assumiram o papel de vital importância para o cuidado do pequenino ser. O projeto que não deu certo, depois de tanta dedicação, "afeto", empenho e sacrifício. Aberração. Sapatão. Anormal. O preconceito exaltado em cada olhar dos mesmos que deveriam ser os primeiros a dar abrigo. Faltava o atrevimento de aceitar o risco e quebrar as estruturas vigentes. Quicá, o guardar do segre-

do fazia com que a mágica entre nós durasse por mais tempo. Não éramos clandestinas. Todos os planetas que nos circundavam sabiam da existência da nossa colisão, porém o cerne, os familiares, estavam excluídos, impossibilitados de ver a beleza desse encontro. Nós duas, espelhadas nas nuances da retina invertida, exibíamos as sutilezas e as fragilidades aconchegantes. Acreditávamos no invisível. Entraríamos no lago, depois da tempestade, apenas para nos lembrar que ainda estávamos vivas, corajosas e impunes. Estaríamos além dos rabiscos antiquados daqueles quadros figurativos presos nas paredes das salas esnobes dos nossos familiares. Por ora, tínhamos apenas a minha cama e nenhum salva-vidas.

Ela gostava de dançar. Costumava insistir para que a gente jogasse, aos sábados, o nosso corpo na pista movimentada mesmo com os constantes assédios hostis que recebíamos quando estávamos juntas nestes locais cercadas de álcool, substâncias ilícitas e pessoas atormentadas em dar qualquer sentido às suas breves existências. O beijo de duas mulheres numa balada era um convite pornográfico para os olhares machistas que estavam presentes no recinto, o fato de a gente ser um casal pouco importava. Nós já tínhamos sido casais de outras pessoas, digo, “mulheres de homens”, homens que tinham as suas “propriedades” respeitadas por outros homens, os mesmos que nos abordavam com olhares e falas cortantes. Parecia que precisávamos criar uma casca dura para lidar com as insistências nojentas e a falta de respeito completo que passávamos continuamente. Quem sabe tivéssemos que nos retirar dos locais que frequentávamos para nos restringirmos aos guetos já estipulados a aqueles

que passavam pelas mesmas pancadas igualitárias. Contudo isso não ocorria. Não queríamos estar à margem. Pra gente, era relevante criar um questionamento nas proximidades que habitávamos, como quando a pedra é arremessada na água parada e a partir do choque entre as duas são formados humildes círculos concêntricos que aumentam crescentemente a ressonância corajosa da pedra que terá ao fim da trajetória o fundo do poço.

A música tocava, a festa acontecia e, apesar do mundo, a gente se entregava. Também cozinhava, escrevia, trabalhava, brigava, chorava, trepava, fazia as pazes e a vida sucedia. Gastávamos o que podíamos uma com a outra: autores, restaurantes, exposições, teatros, filmes, festivais e aglomerações sinestésicas. Bolávamos viagens dentro da cidade reinventada, conhecíamos outros planos, pedalando nas bicicletas e também capturávamos os pedaços do sol antes de se despedir. Um ano, três anos, ou duas semanas, observávamos que o amor, como a morte, não compreendia um tempo mensurável em horas ou calendários.



Cotidiano



Voi inflando o
sabor inteiro
na boca.

Seria melhor abrir uma fresta

e aceitar a brisa do inesperado destino?

Tudo precisa tão simples

que uma criança
assombra.

Amor

}



É necessário arrancar as ervas daninhas, que brotam incessantemente das rachaduras do vaso, e tentar restabelecer um canteiro saudável para que novamente, as duas voltem a crescer. Às vezes, a praga aparece à surdina nas noites chuvosas e faz a gente desaguar baixinho, acuada. Os rostos se misturam e, do mesmo modo, os enredos. Decerto a solidão é estar inapta dentro do próprio refúgio.

Acreditávamos que a nossa junção seria interminável, e mesmo diante do que se apresentava indivisível, nos deparamos - certo dia - com a chegada de uma rotina. Foi instalado o sabor insosso na boca. A louça suja festejou aniversário na pia, o banheiro se acostumou com o mofo no rejunte, a comida ficou fria no prato rachado e o beijo de língua virou apenas um selinho apressado no primeiro período da manhã. Vez ou outra tínhamos de criar um embate para certificar que estávamos no mesmo cômodo da casa. As sentenças emudecidas atestavam o desaparecimento das pulsações vitais dos nossos corpos. Recordávamos os percursos que já haviam sido feitos inúmeras vezes. Era incômodo assistir os padrões repetidos se multiplicando entre a gente. Como isso poderia suceder com o amor de duas poetisas "especiais, criativas e sensíveis"? Novamente o confronto, e dessa vez, não havia a felicidade de passar a culpa adiante, era preciso adentrar nos nossos umbigos. Tentamos, inconscientemente, nos afastar em retiros temporários, mas a dependência e as modernidades não colaboravam com a estratégia. Queríamos estar juntas o tempo inteiro, mas agora o "estar juntas" trazia também a dissimulada sensação de estagnação. O compromisso diário contribuía para o afastamento de algo que nos era valioso, a própria poesia.

Estávamos ali, impreterivelmente, duas plantas no mesmo vaso, as raízes misturadas, os substratos, a água benta. Existia a fusão calorosa de estarmos imbuídas na intimidade, a comodidade de saber que cada solicitação seria atendida de imediato e também o prazer do pertencimento, de ter alguém pra dividir e entender as assombrosas idiosincrasias. Tudo parecia tão seguro que uma dúvida assombrava. O calor de outra pessoa, o tempo todo ao lado, também sufocava e dava a falsa impressão de que provavelmente seria melhor abrir uma fresta para receber o ar entre esses mesmos corpos e, assim, aceitar a brisa fresca do inesperado destino. Faltava espaço para que a gente pudesse crescer ainda mais. Havia a percepção da não adequação à forma engessada que nós mesmas tínhamos estabelecido vagarosamente enquanto caminhávamos, já desconfiávamos da necessidade de romper os limites confortáveis do tal seguro círculo imaginário. De maneira ingênua eu queria buscar alguma solução inovadora: recorri ao clichê mofado dos anos 70 e supliquei sua companhia. Eu poderia simplesmente me colocar disponível para ser rodopiada sozinha por ventos imprevisíveis de um furacão criado pelas minhas próprias mãos, todavia não seria possível estar distante daquela que me fazia sentido, mesmo agora que a vida parecia seguir o script já antes visitado. Eu desejava que Ela lutasse ao meu lado dentro da batalha instaurada. Nós analisaríamos as táticas do combate, vestiríamos os uniformes e assinaríamos o tratado com sangue. A gente podia se recriar a partir do contato com outros soldados e na experiência bélica, quem sabe, nos reencontrarmos, uns e outros, entre os alheios corpos das trincheiras percorridas.



Cidade



4



Há um vasto formigueiro, ele se divide em micros compartimentos transitórios, espalhados por todo amplo terreno invadido. Os tais recipientes são chamados arbitrariamente como blocos, bancos, repartições, quadras, cartórios, prédios, siglas, sorveterias, lotéricas, shoppings, farmácias, mais farmácias e também outras inúmeras farmácias. Transitam deixando e seguindo feromônios em busca de uma mesma rota segura para os alimentos idênticos. Acreditam-se organizadas apenas por seguirem umas as outras, e ainda assim, algumas se acham originais. Encontradas em todas as regiões do planeta, exceto nos polos, podem ser consideradas o grupo de animais de maior sucesso. De fato, estima-se que o peso de todas as formigas do planeta supera o peso de toda a humanidade.

Em volta de nós havia a cidade e longos espaços que tiveram sua construção esquecida. Antes, essa peculiaridade urbana me irritava. Eu desejava uma multidão de sons, mas depois entendi que aqui, apesar de respirar um deserto seco, eu estava envolta de horizontes. Havia uma dádiva nessa arquitetura que exaltava as ausências, mesmo que essas sejam meticulosamente planejadas. É como um pássaro preso a vida toda numa gaiola. Ele voa dentro de um cubículo, com espaço suficiente apenas para que ele não desaprenda a bater as asas, nessa mesma prisão aumenta ainda mais o desejo dele de alcançar o infinito. O pássaro recebe comida diariamente. Nesse ritual, ele calcula a fuga medindo todos os passos numa compulsão neurótica. Um dia, a algaz tropeça e ele se atira, ela tenta agarrá-lo com as mãos, mas o pássaro já está entorpecido de liberdade. Foi assim que os espaços vazios da cidade me convenceram que aqui era o melhor lugar para se

estar. Clarão no meio das urbes. Há outra pessoa sentada, também é uma mulher e, apesar do mesmo local, nós estamos sozinhas. Um campo seco com traves de futebol, sem nenhum time jogando. Outras pessoas passam, criando um risco na grama cinza e quase morta, elas instalam vontades latentes em seus caminhos ao mesmo tempo em que pisam nas flores amarelas caídas, sem considerar qualquer lembrança da primavera. Alguns cachorros levam seus donos para passear, os que conseguem se soltar interagem, diferentemente dos humanos que continuam impassíveis. Um ônibus verde descarrega vários homens verdes que seguem em uma quase fila: o tom da cor se confunde com a vegetação que define a quadra. A marcha dos militares independe da distância do quartel. Escutam-se mais os carros do que os pássaros. O ruído dos trajetos que vai e vem, sentidos opostos, com talvez o mesmo desejo: chegar em casa. Apesar da velocidade dos automóveis, é a lentidão do céu que me chama a atenção. Um pássaro ao pousar no galho balança a árvore e, ao sair o mesmo acontece, de forma que até a mais estrondosa das árvores tem a beleza da flexibilidade. Tiro uma foto e permito que a paisagem fale mais do que essas palavras. O celular me dá ordens: mova pra cima, mova pra baixo, mova mais devagar. As mãos anseiam em segurar quando o importante é seguir apreciando o famoso *dégradé*. O céu é modificado por um paraquedas que vagueia entre os tons amarelados e rosados. Existe uma leveza no seu movimento, um contraste peculiar que evidencia o prazer do risco e a certeza da queda. O paraquedas começa a desenhar sem pudor uma liberdade obscena, voa mais alto que os pássaros, o homem que corta a paisagem.



Ele



Gosto de arrilhar meus cabelos.

Energia dele penetra, transpassa por mim.

É no meio da queda que ele aparece.

Me convida a cometer crimes.

5



O homem desliza o pincel umedecido na tinta vermelho-terra e desenha a curva do quadril, depois sobe o traço pela barriga e marca a pinta que a mulher carrega ao lado esquerdo do umbigo. Continua a linha até a chegada dos seios, passa um tempo ali, criando o volume do encontro. Em seguida desenha o pescoço, o rosto e os cabelos longos e lisos. Volta para o quadril, desenha as pernas da modelo e no meio delas, risca as três linhas que dão forma geométrica ao sexo da mulher.

É no meio da queda que Ele aparece. Me oferece as mãos. Massageia o meu coração roxo. Deixo-me ser conduzida pela precisão dos movimentos, pelo olhar exato, pelas pintas marrons espalhadas. A barba dele tem duas tranças que iniciam no queixo e vão até o fim do pescoço. Vez e outra, Ele passa as mãos nas tranças e as puxa para baixo, tal qual um personagem de algum filme antigo. O gesto é suave e dá a impressão que as tranças são duas companheiras íntimas de longa data. Existe alguma estranheza que me agrada, um silêncio desafiador que atíça a gana da conquista, parece algo escondido, não sei, há uma surpresa a ser descoberta que demanda o olhar apurado de caçadora. O corpo dele é uma prancha maciça que me convida a cometer deslizos. Não que eu deseje apenas o corpo, isso seria simplório, quero o que há atrás do corpo, o destino, os sentimentos e mistérios. Isso me interessa mais. Ele pinta mulheres em aquarela e também compõe alguns sambas. É antropólogo de formação, servidor público, faz aplicações na bolsa de valores e em moedas virtuais. Apresenta a mistura excêntrica de sensibilidade rústica, conveniente boemia e ma-

terialismo selvagem. Ele gosta de dedilhar os meus cabelos com a mesma calma que se aloja na minha vida: começa aos poucos, com uma das mãos acaricia o pescoço subindo em diagonal até o centro da cabeça, deixando os meus fios longos e negros para um lado só, depois alterna a combinação. Faz a gentileza por quinze minutos e despenteia um pouco mais os meus pensamentos. Derretida, começo a tecer conjecturas. Mesmo sabendo que não há combinações sentimentais definitivas e duradoras, que elas se renovam e se desmoronam no nada por si mesmas, pela indiferença da oportunidade presente a cada hora do dia, mesmo assim, eu começo a almejar que Ele construa comigo uma outra utopia. Na quietude, a gente se beija e a energia dele penetra, transpassa por mim. Eu abro as minhas pernas e, depois, o peito. Ele começa a transformar a linha em triângulo.



Sexo



5



Aqui algo difere. São três vias. Elas se misturam. É difícil definir o ângulo. Não há perpendiculares, teorias ou valores morais. Rasgaram o livro e a constituição. Há um triângulo escaleno e, no meio dele, o círculo coberto de flores roxas. As ruas se entrecruzam, diluídas. Luzes dançam. Supernova pulsa. Espécie de bruxaria. Sem começo ou fim. Eles abdicam os limites das retas para criar uma pequena utopia. Há um balão bucólico no centro do peito.

Nos encontramos. Teses. Romances. Coreografia inventada. Ação de agrupar as partes, de transformar os desejos em líquidos. Apta para outro corpo. Para dois corpos diferentes. Pés que ultrapassam as margens e tentam criar arranjos desconhecidos. Eu me divido para ambas as partes, a cabeça deita sobre o peito dele, os olhos dialogam com Ela, nossas mãos se encostam, selando o pacto, velhas comparsas. Eu prometo não depredar nosso patrimônio tombado e Ela sorri. Tento acalmar a respiração, Ela faz o mesmo. Podemos parar tudo, caso uma de nós solicite. E, a partir desse plano infalível, eu grudo a minha nudez tentando enlaçar ainda mais os dois. Alternamos as línguas em beijos que congregam todas as junções possíveis. O beijo dela é lânguido, o dele, vigoroso. O nosso é uma brincadeira que traz risadas pela quantidade de saliva misturada. A boca que beija duas bocas que lambe três lábios que abocanha o pau que chupa a boceta que amplia o discurso idealista de uma fábula recém escrita. Eu anoto tudo no corpo. Bate delicado.

Somos três maestros e vários instrumentos que devem ser orquestrados de forma harmônica para que a música não saia do ritmo. Talvez a parte mais difícil é entender os duos e os solos. Receber o som do outro, saber silenciar um possível ruído que desafina de repente. Por vezes, eles viram dois antigos amantes compondo pinturas rupestres desordenadas em cima de um pequenino palco, e eu, espectadora atenta, assisto o segundo ato.

Deitados, os dois se esquentam. Pernas trançadas, respiração conjunta. Eles dormem agrupados num colchão de casal no meio da sala. Há outro colchão de solteiro vazio que também está acomodado ao lado, tentando criar uma cama que caiba a gente. Me recordo de quando eu era criança e roubava todos os lençóis da casa para trançá-los, na tentativa de construir uma outra casa - a minha - dentro daquela casa que eu já habitava, mas não me pertencia. As amarrações eram frágeis, e apesar dos constantes desmoronamentos, era divertido refazer aquelas edificações perecíveis. Assim novamente me sinto, tentando tecer os quereres dessa pirâmide que parece se formar diante dos meus olhos.

Estou acordada, a boca seca e a boceta molhada. Aceito que a minha própria mão seja personagem central dessa parte da história. Cerro os olhos, imagino as duas línguas lambendo a poesia, alternadamente. Elas se beijam vez e outra, e as minhas pernas continuam abertas. Tento me encaixar de alguma forma nos beijos que assisto para que o apego não me desfigure. Lembro do meu corpo com agulhas fincadas por toda pele, estava febril, imóvel no sofá,

deitada, quando a música deles começou. Ela gemia agudo e alto, havia o ranger da cama no chão de taco, um friccionar crescente do som das partes dos corpos que se batiam num ritmo acelerado. A paisagem sonora saía do quarto e penetrava a sala, os imensuráveis minutos criavam as possíveis posições e o meu coração fervia. Aquele amargor corroía a minha invenção fantasiosa sobre o que era um amor livre. Mas hoje é outro dia, sou eu quem manda. A órbita é composta por um sol e dois satélites: é a minha boca que tira os pedaços deles, são meus dentes que desenham tatuagens. Em cada pescoço, demarco o terreno. Depois me divido para ambos, tento sincronizar os movimentos, massageando os sexos. Os beijos deles cobrem agora os meus seios, os dedos dedilham orifícios e eles voltam e me sugam até última gota. Emaranhado de pele, de gozo. Todas as portas e alternativas. Só o tempo se apropria das peles, o resto, a liberdade abocanha.

O chalé que estamos é de madeira, os tijolos são aparentes amenizando o frio da manhã, na lareira ainda há uma sobra de lenha que queima lentamente e a brasa alaranjada – tal como a paixão – vai perdendo o tom com o passar do tempo. Tem um quadro com um desenho geométrico numa das paredes e em outra há uma janela grande de vidro que leva para varanda também de madeira. Essa janela está fechada. Mesmo assim, eu consigo ver os montes rochosos e também o rio que reflete a luz dos primeiros raios do sol. Tomo mais um gole de vinho chileno, como alguns pedaços de salame, aproveito para transformar o que resta da noite em café da manhã. Tenho vontade de caminhar até a paisa-

gem. Seria bom pisar na areia, sentir a água gélida, observar as cores lísergicas no céu e quiçá agradecer a inteireza que surge no horizonte, tramado pelas mãos destemidas de um possível ser divino, mitológico, fictício. Algo me prende dentro, de modo que se eu sair daqui parece que vou perder o que realmente importa, talvez o mergulho no rio retirasse o cheiro deles do corpo ou a saliva antiga que ainda está entre as pernas, então prefiro continuar sentada na bancada, com o caderno na mão, rabiscando o instante. Logo ele parte, a gente continua.



A três

Constante improvizo que
a novidade nos traz

São prazeres e o encanto de uma paisagem completa

Pareceis ainda mais fortes,
confeccionados de outras partes de nós.



7



Duas crianças e um brinquedo. É uma gangorra de madeira com a pintura desgastada na qual as meninas estão sentadas. Em cada polo, um banco. Em cada banco, uma delas. Realizando movimentos alternados, entre as extremidades, de baixo para cima e vice-versa, as duas se deliciam com o balanço. Elas não competem, apenas passam o tempo. É necessário companhia para usar tal instrumento, sendo a gangorra não recomendada para solitários.

Nos encontramos no constante imprevisto inevitável que a novidade nos traz. Tentamos analisar prematuramente as miudezas que foram espalhadas pelo ambiente, confidenciamos os sentimentos descobertos e parecemos ainda mais fortes, conhecedoras de outras partes de nós. Admitimos o medo de perder uma a outra e também o quanto Ele sabe trepar gostoso. Percebemos que a presença dele retoma a vontade de estarmos ainda mais juntas. É um novo brinquedo que faz a gente experimentar outros movimentos, descobrir pontos ainda não vistos e também desvendar o objeto recém conquistado. É sublime mergulhar na beleza da nossa intimidade, refletida nos olhos de uma outra pessoa. A sedução, que a princípio seria destinada ao convidado, se expande para dentro da nossa relação e nos atinge com precisão certa. O desejo dos encontros aumenta gradativamente e, logo, os jantares a três atingem uma frequência quase semanal. Eles são motes para movimentar a antiga água, parada por falta de impulso, graças ao desgaste trazido pelo também antigo cotidiano. É excitante rever a roda girar dentro da gente, esse rodopio também respinga paixão no terceiro elemento, Ele recebe o molhar suave, reflexo do aguaceiro maior que brota dentro de nós

duas. Estamos novamente apaixonadas. Aninhadas, juntas a maioria do tempo, continuamos a experiência das visitas.

Ele vem quando quer, quando queremos. Traz consigo outra personalidade, também o outro gênero. Gosto da diversidade. Sou permeada pela sensação radiante de uma possível completude. Percebo-me embriagada nas amplas doses de paixão compartilhada, estou afundada em um ciclo interminável de suposições, devaneios e ficcionalidades. Em alguns momentos, chego a supor que, com a presença masculina entre a gente, criaremos a coragem necessária para revelar a nossa antiga conjunção àqueles que compartilham os mesmos laços sanguíneos que nós, e que talvez a aceitação seja até mais provável, sabendo que há um homem no meio do caminho. A verdade é que, muitas vezes, eu sinto que estamos desprotegidas, que seremos destruídas nas próximas páginas, e que é bom, dentro do meu machismo explícito, ter a visita desse homem que pode proteger a gente, gerar um filho e cuidar do que somos. Não tem a ver apenas com o pau, com o sexo e outros derivados. Talvez esteja mais relacionado com a notória liberdade de ir e vir que eles, os homens, são acostumados a vivenciar. Essa difícilíssima sensação a ser alcançada após o duro adestramento que nos obriga a servir e colocar os afetos acima dos “nossos” franzinos corpos domesticados - isso tudo que ocorreu com a gente - nós, mulheres, ainda quando éramos apenas meninas. Parece que por piada, a palavra liberdade na língua portuguesa é um substantivo feminino.



Moscas

Realizo que não sou
proprietária
de ninguém.

O mundo quer um pedacinho
de mim, mas eu não quero
dar nada a ninguém.

Quero passar impávido
dentro de suas frestas.



Há uma mesa de madeira esculpida à mão, sobre ela descansa a bela toalha de linho branco, bordada por outra mão desconhecida, nesse tecido estão pousados delicadamente as xícaras de porcelana chinesa, a caixa de chás importados, os guardanapos de pano e o pequeno açucareiro de prata. Nesse objeto, além da doçura, existe um campo de batalha. As pequenas terroristas atravessam mares, escalam montanhas e muitas vezes adentram o território se fartando com os cristais de açúcar. Num ritual semanal, com uma pinça, a mulher retira as formigas e as esmaga, uma a uma.

Desconhecidos se aproximam defendendo sermos uma versão melhorada daqueles que nos cercam. Perguntam detalhes de como atingir a superação da posse existente em quase todos os acordos usuais, começo a defender as teorias estudadas enquanto inflo meu ego com uma vaga certeza de que sim, estou no topo de uma cadeia emocional, que as fissuras camufladas são partes irrelevantes quando se acredita que existe algo maior a poucos metros de você. Desejo passar impassível dentro dessas frestas que eu mesma cavo. Me protejo, dividindo em diversos pedaços que dou aos dois amantes e diariamente reafirmo na frente do espelho que não sou proprietária de ninguém, que tenho que aceitar o livre acesso, que é possível comungar o amor com mais de uma pessoa.

Tenho de admitir que no início eu gostava de ver os humanóides vidrados na nossa matemática, descrentes e chocados por três pessoas se beijarem em público, andarem de mãos dadas, comemorarem o dia dos namorados num res-

taurante. Será que poderíamos nos classificar dessa maneira? De certo a palavra não abarcava o que éramos, talvez fossemos uma tríade que tinha se colocado disponível para experimentar algo que ainda não tinha passado com nenhum de nós, o que pra mim já parecia ser razão suficiente para seguirmos adiante. Há moscas que sobrevoam a minha ceia, elas mostram os dentes através de sorrisos, risadas e gentilezas. Desejam pousar no banquete, acreditam que o jantar está servido para qualquer um, os amigos dos amigos dos amigos. Assemelha o que passávamos quando éramos duas, mas, neste momento, a coisa é ainda mais incisiva, sobrepondo todas as normas vigentes, grau de intimidade e faixa etária. O mundo quer um pedaço, se misturar um pouco, aproveitar a entrada franca. É estranha a intimidade com que os outros tentam se embrenhar entre nós, talvez eu tenha uma espécie de pudor que me faz achar meio descabida as investidas recebidas pelos que nos cercam, e definitivamente a conjuntura não me agrada, já os meus companheiros parecem não se importar com o crescente assédio.

Os três corpos juntos acendem o incenso luxurioso que entorpece as narinas sedentas. Ela distribuí olhares periféricos, principalmente aos homens, o que não estremece a minha profunda nitidez de que jamais perderei essa mulher para alguém de sexo que se difere do meu. Já Ele estufa o peito tal qual um galo de briga e desfila o poder de ter duas fêmeas ali à disposição, enquanto os demais machos demonstram a inveja clássica e querem comer as migalhas deixadas nas proximidades. Outras mulheres também ciscam no terreno sem cerca, e é em face delas que o meu temor aumenta. Assumo o ciúme que me

ocorre em relação as minhas iguais por conhecer a evidente competição em que fomos concebidas, o veneno derramado pelo confronto que enfraquece apenas as mesmas participantes dessa guerra. Há também a crescente raiva de ouvir comentários enaltecedores a Ele somente por estar se relacionando com duas mulheres. Paciente, corajoso, conciliatório. É mirado como o herói na zona de risco do campo de batalha, quando, na verdade, somos nós duas que andamos nas pontas dos pés em cima do viaduto mais alto da cidade.



Conjunção



Propõe o esquisito, a dança, a explosão.

Sou conferencista antiga da sua ditotomia.

Ariana com ascendente Libra.

No meio molhar e igualmente esborrar na sua pele.



Há dois pequenos círculos e a linha que liga um ao outro. O traço é um cabo de guerra. Encontrado no meio do mapa, o ângulo de 180 graus, a oposição. Dois planetas em signos opostos e ainda assim, complementares, puxam a mulher para ambos os lados. O duelo de entidades míticas sonoriza o cambalear da dança tântrica entre o amor e a guerra.

Ela é mais resistente à presença dele e às vezes me puxa no canto, deixando claro que talvez seja hora de a gente parar. Critica algumas atitudes machistas que eu tento relevar por achar que Ele ainda está aprendendo a se mover entre nós. Acredito que Ela pense que eu passo a mão na cabeça dele a cada erro que sucede, mas na verdade é que eu entendo que, de alguma maneira, pra mim, Ele é a parte mais fraca dessa tríade e alguém tem que salvá-lo. Ela me acusa de repetir os mesmos comportamentos patriarcais que criticamos, eu me defendendo e tento mostrar o quanto nós duas somos invencíveis juntas. Há outros momentos em que Ela mesma quem propõe o encontro, a dança, a explosão dos três. Se mostra totalmente aberta para se contaminar do frenesi apaixonado das misturas de peles. Essa dubiedade no movimento dela me confunde, de forma que não sei se Ela o convida apenas para me agradar ou o jogo inteiro faz parte de um tesão acanhado, a oposição compõe a sinfonia que toca inúmeras vezes ao longo do período que nos encontramos os três. Sou conhecedora antiga da dicotomia presente nela. Recordo o quanto fiquei surpresa quando vi seu mapa astral pela primeira vez: ariana com ascendente libra. Como sobreviver entre o egoísmo e a parceria? A guerra e a diplomacia? A espontaneidade

e a mente? Ela é um poço de dualidades. Independente e autônoma, porém carente. Competitiva, audaciosa e ao mesmo tempo, apegada. Ela tem vênus exaltado em peixes, o que traz o senso estético gracioso e a beleza suprema. É afável, gentil, agradável e, sobretudo, idealiza o amor universal. Parece que irá aceitar todas as confusões emocionais com olhos complacentes, mas nem sempre é assim, graças ao seu sol em aries. A lua está domiciliada em câncer, o que faz dela uma cuidadora nata, zelando os que a rodeiam e também sabendo o ponto exato para a chantagem emocional. Ela traz ainda o poderoso marte em escorpião que a batiza com uma extrema sexualidade, coberta de fetiches e profundezas. Com todos esses melindres, Ela sabe me conduzir sutilmente para onde quiser e eu, que também água sou, me deixo moldar e igualmente escorrer nas mãos dela.



Fissura



É eficiente, utilitária. Desempenha o papel com êxito. Aceita ser objeto incalculáveis vezes. Quem sabe nem percebe que virou forma, já que faz parte da massa esmagada pelas opressões seculares. Tentam suavizar o ato nomeando de fetiche e o vendem nas prateleiras. Adestram apenas para servir o rei. Não tem direito ao toque, nem ao gozo. Engole para abrandar a porrada que recebe na cama.

Estou na cozinha. A porta se abre. Ele entra de banho tomado. Me dá um beijo na boca, olha pra mim. Abre a bermuda e oferece o pau mole. Em pé, o membro dele fica na altura dos meus lábios. Começo a chupar. Com as mãos, pressiono o pau, vou torcendo a pele rosa, enrugada. Passo a língua, de baixo para cima, e ele começa a se enrijecer. Chupo. Chupo. Chupo. Chupo. Chupo. Tento engolir ainda mais aquele caralho. Me dedico. Meus olhos começam a lacrimejar. Hãh, hãh, hãh, hãh, hãh, hãh. Enfio quase tudo. Sinto o gosto de vômito na minha boca, paro um pouco, tenho medo de sujar o pau dele com o resto de comida. Continuo o trabalho com as mãos. Respiro, antes de cair de boca de novo. Hãh, hãh, hãh, hãh, hãh, hãh. Olho para a cara dele, olhos pregados em mim. O pau fica mais inchado, vou fundo, Ele começa a gozar na minha boca, aceito o líquido misturado com a sensação de vômito, Ele dá um gemido final. Eu enxugo a boca, bebo água, Ele me dá um beijo na testa. "Boa menina!". Ele sai, eu me mantenho sentada com a boceta molhada.



Tremores



Bonito arrecho
daquele obreiro
no concreto
cizga.

Paraboi de vidros transparentes e cortantes.

Son trincado, suspenso. Pequenas laminas interrompidas.

Num de
A agressividade impõe dentro de



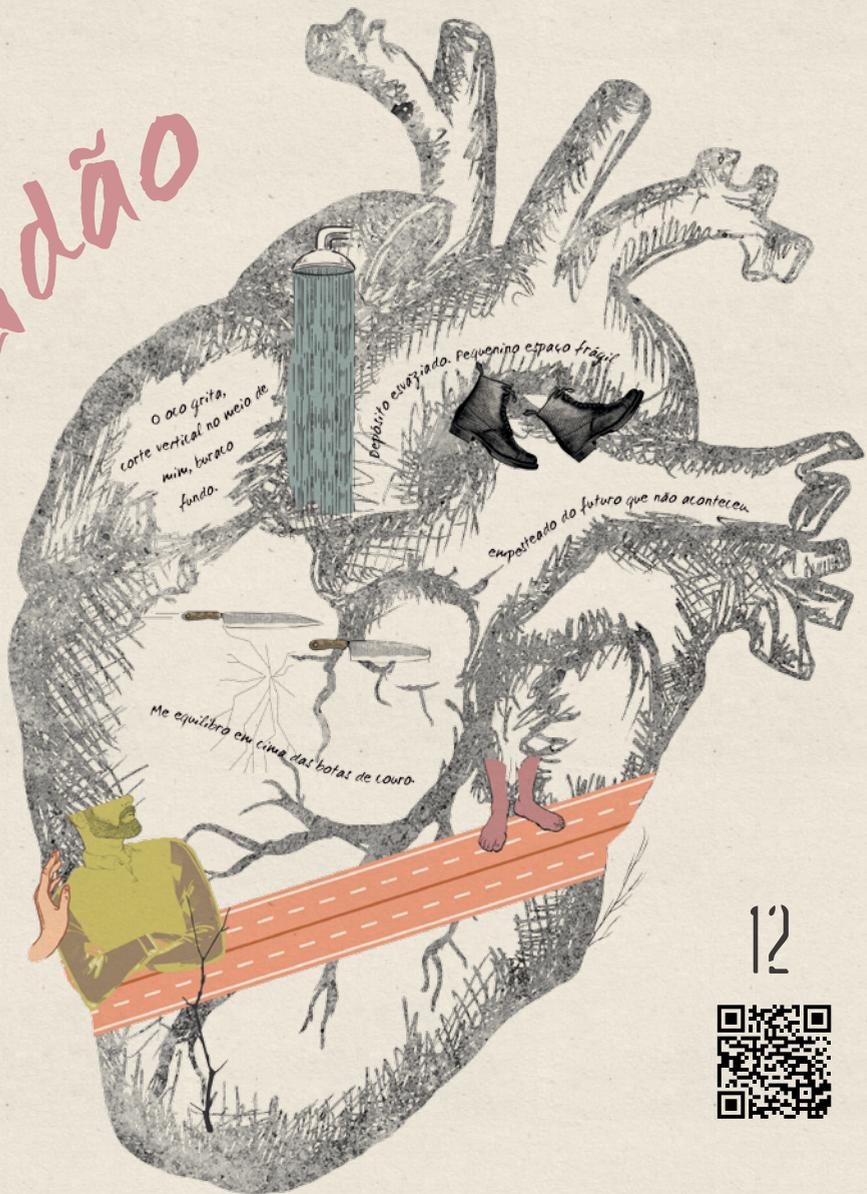
Os olhos brilham e as pupilas aumentam, a boca enche de saliva e o coração dispara. A descarga de adrenalina deixa o corpo atento, vivo, sedento. O cheiro da presa perfuma o ambiente e o predador sorri. O desejo não é apenas destruir o bicho, ouvir o “crec” dos ossinhos e sentir o gosto de carne fresca na boca. É a aventura em si que move o predador: quanto mais acirrada a disputa, a ânsia pela vitória aumenta.

Ela inicia um novo romance e, cheia de pausas, se afasta sorratamente de mim. Está trancada em casa, rodeada de sinônimos e sujeitos ocultos, na dedicada imersão que abarca a confecção de novas metáforas. Eu me encontro remoída pelo temor da troca, do esquecimento. Aponto meus defeitos enquanto enalteço uma rival desconhecida. Respiro profundamente. Busco uma confiança sonsa. Tento aceitar a breve interrupção do caminhar diário em conjunto, a separação necessária das pilstras para que o templo continue suspenso, abençoando as nossas cabeças. O vão também é uma pequena permissão para me deleitar nas descobertas do outro lado, auscultar o bater diferente do meu seio esquerdo e tentar me aprofundar nos meandros do masculino. Ele traz certa praticidade em suas falas e ações, descomplica as minhas sensibilidades transformando-as em matemáticas simplórias e outras vezes, testa as velhas convicções que me acompanham, colocando em xeque-mate algumas das minhas hipocrisias. Ele é um provocador e sabe apertar o ponto certo para me tirar do prumo. Eu gosto de observar a maneira que Ele celebra, comete excessos e sorri facilmente. Tem um descuido na fala que vez ou outra soa como grosseria, mas que Ele logo contorna com alguma piada ou um beijo de desculpa. Eu me deixo ser desviada pela sua presença e visto a venda que cobre os olhos dos enamorados.

Sou permeada pela saudade de estarmos os três juntos novamente. Recordo a aventura de procurar posições agregadoras que contemplavam os nossos corpos inteiros. Antes não havia a necessidade de fazer escolhas ou encaixar agendas lotadas, o interesse era o mesmo em todos os vértices do triângulo. Mas atualmente Ela evita a aproximação quando Ele está perto, e eu continuo suplicando sua companhia numa insistência quase egoísta, tentando retomar algum desejo dela pela antiga brincadeira. Ele também almeja que Ela aceite sua presença com um sorriso apaixonado, mas isso não se dá. Ela parece não suportar mais aquela conjectura quase imposta, debate-se cada hora mais forte querendo se libertar, no entanto, a cada fuga dela, a excitação dele se exacerba e assim, a perseguição permanece. As investidas dele também são inúteis. Ela atira ferozmente uma taça de cristal que leva nas mãos contra a nossa edificação e reddecora a sala com pedaços de vidro transparentes, cortantes. Apenas o pé da taça fica inteiro, as outras partes pontiagudas estão espalhadas pelo chão. Há uma mancha maior, de vinho, redonda e rubra, que certifica o bonito arremesso daquele objeto no concreto cinza. O som trincado, suspenso. Algumas gotas mais fortes cobrem o piso, e as linhas tingidas na tela formam pequenos caminhos interrompidos, como quando se falta ar pra completar o trajeto e os traços morrem antes do fim. Vejo um quadro do Pollock. A agressividade implode dentro de mim e exhibe a total falta de controle que tenho perante os personagens da minha história.



Solidão



12



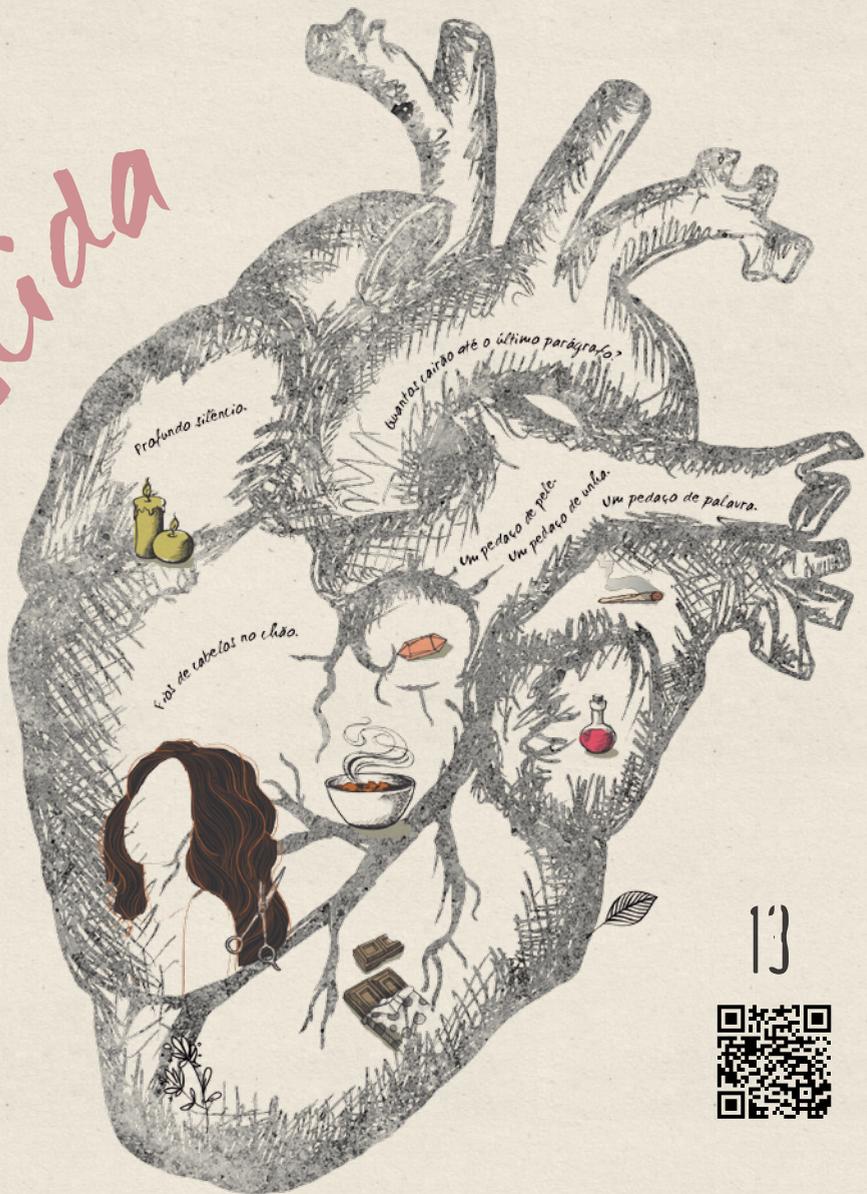
Sem backup. Erro qualquer no sistema. Mais um. A mulher perde a última foto do pau dele. O ângulo perfeito do que realmente foram: pau no primeiro plano, gigante, com as veias saltadas e o homem, ao fundo. Às vezes, a personagem revisitava a imagem na premissa de querer sentir novamente o cheiro, o gosto, o diâmetro. Hoje, em uma simplória transferência de dados, a tal foto sumiu nas nuvens.

Estamos deitados na cama dele. Ela está ausente. Eu que nem gosto tanto de aglomerações vim ao encontro dele numa festa e, depois de todos os rituais sociais noturnos, estou aqui: um tanto bêbada, sensível e ociosa. É nítido que Ele finge dormir ao meu lado. Há um desassossego em mim. Começo, devagar a tocar no rosto dele e, aos poucos, encosto o resto do corpo, tento impor o sexo, não pela ação em si, mas por querer arrancar algum afeto que certifique que Ele ainda está jogando comigo. Eu insisto até quebrar o inalterável. Ele abre os olhos, levanta da cama, volta a sentar, toma coragem, me encara. Uma longa pausa. Facas cortantes adentram o alvo: declama o fim do tesão, a falta de vontade, o cheiro desagradável, o toque que fere, a pressão que é estar comigo ao seu lado. Ele descarrega, despedaça o derradeiro tijolo. Há um monólogo inteiro dentro da cabeça, mas estou calada. Encaro fixamente aquele estranho e ele, muitas vezes, desvia os olhos, solta frases feitas e elogios débeis na tentativa de suavizar o talho das sentenças atiradas. Enceno uma cena clichê de novela mal escrita. Vou até o banheiro, abro o chuveiro e derramo as lágrimas que talvez Ele merecesse assistir. Volto pro quarto, arrasto o silêncio, observo a cor do céu, escuto o som do sol que sai, visto as roupas, o homem me leva até a porta e eu desço as escadas.

Estou no meio da quadra, grandes árvores me cercam, estou minúscula. Sinto gosto de guarda-chuva na minha boca e a cabeça palpita. Tento me escorar. Penso nela. A paisagem bucólica me testemunha, assim, andando para nenhum lugar. Alguns corpos passam, embrulhados numa versão esportiva em direção ao parque que fica próximo daqui. Me equilíbrio em cima das botas de couro, tentando dialogar com o oco que grita. Estou com um corte vertical no meio de mim, entre o seio esquerdo e direito, o buraco é fundo. Depósito esvaziado. Pequeno espaço frágil empestado do futuro que não aconteceu. Sou levada pelo instante. Alguns blocos reformados refletem o céu de brigadeiro em suas janelas de vidro fumê, os prédios parecem estar disfarçados de shopping centers e também refletem a cafonice da classe média. Tropeço na calçada que está toda trincada por raízes que vagarosamente quebraram o cimento imposto, deixando transparecer a rebeldia antes encoberta. O eixo que corta a cidade se descortina aos meus olhos e se mostra quieto, calmo, descansado. Nenhum carro se atreve a interromper o retiro meditativo semanal da maior entidade da urbe. Há apenas algumas bicicletas e aqueles mesmos corpos mencionados anteriormente que se multiplicam nos dias de domingo. Aqui também estou eu, com o gosto e aparência de ontem. Percebo a oportunidade de fazer da minha travessia uma liturgia cinematográfica: então tiro as botas, encosto os pés no asfalto ainda frio, fico parada algum tempo até que começo a cerimônia de tatear com a pele nua o sacro asfalto. Com movimentos lentos, tento eternizar oração criada para esse eixo que é beijado mais por pneus do que por pés libertos.



Descida



Profundo silêncio.

Quantas cartas até o último parágrafo?

Um pedaço de pão.
Um pedaço de unha.

Um pedaço de palavra.

Costas de cabelos no chão.



Venceu o pavor da morte quando se apaixonou. Olhou aquela miudeza que antes chamava de vida e vislumbrou a grande descoberta. Havia duas coisas valerosas: o amor e a perda. O amor não garantia a felicidade, mas a constatação de que algo vivia. Já a perda existia somente para que o amor conhecesse sua própria profundidade. Quando chegou na entranha do sentimento decidiu cortar os longos cabelos e caminhar em direção ao sol.

Chego em casa. Não tranco a porta. Acendo uma vela e dou boas baforadas, deixando que o remédio faça efeito. Defumo a casa. Limpo o que sobrou da balada em mim. A carência se espalha sobre o lençol amarelado. A boca clama a língua ausente – Eu te amo – ainda escuto o balbuciar da grave voz. Recordo o pau latejando dentro de mim. O desnecessário experimento de transformar aquele corpo em permanência, o mesmo que se desprende, que solicitou que eu o soltasse. Lembro dele virando para o outro lado enquanto eu mordida forte suas costas, querendo engolir as sobras que conseguia até a próxima despedida. Ele afastava a minha boca ainda suja de porra com medo que eu me apropriasse do brinquedo. Espiava seu leve sorriso pós coito com a dúvida se este tinha o gosto de satisfação ou sarcasmo. Ele dosava apenas o necessário para que eu não desfalecesse, para que o sabor virasse saudade, para que eu continuasse presa aos pés da cama. Ele se levantou, saiu e deitou em qualquer outro lugar. Seu cheiro permaneceu na parede, na cadeira, no taco do chão.

O sorriso dela é uma das coisas mais preciosas que eu conheço. Os olhos são grandes, esverdeados, atentos. Tem uma força feminina que me faz desejar ainda mais estar do seu lado. Existe uma paciência que deixa tudo que Ela toca bonito, é um condimento raro que só pessoas que entenderam o valor do tempo conseguem adquirir. É de uma generosidade e amor incomensuráveis. Cuida das escoriações com chocolate, traz vinho tinto e me abraça. Faz um chá forte de camomila, pede para que eu jogue no corpo inteiro após o banho, me aplica uma massagem longa e depois coloca entre os meus seios o quartzo rosa que Ela trouxe de um desses lugares hippies. Liga a antiga vitrola, coloca o som do Ravi Shankar, solicita que eu feche os olhos e desaparece. A vibração do dedilhar do músico no seu instrumento é curso para a água salgada percorrer o meu rosto durante um pedaço da noite. Depois Ela retorna, traz caldo de abóbora com gengibre, algumas torradas e também pedaços de queijo artesanal de búfala. Ela é a minha melhor amiga, é a mulher que eu amo.

Se você anda descalça vai sujar os pés. E de que serve o caminho se você não pode se contaminar? É preferível limpar a lama mais tarde. Para calos, água quente. Vamos subir juntas até o alto da montanha? Você quer fincar uma bandeira? Não, apenas ver a vista. Seguimos ao céu. Evitamos olhar pra baixo. Tropeçamos em pedras soltas. Beijamos o desafio. É preciso entrega para se lambuzar na delicadeza. Subimos muito. Equilíbrio e euforia. O tempo necessário pra saborear cada parte do caminho. De uma, da outra. Não houve pausa. Nem pressa para chegar ao topo. Risco também é impulso. No ápice, sentamos de frente. Enxergamos os detalhes. As cicatrizes nos pés certificavam a longa

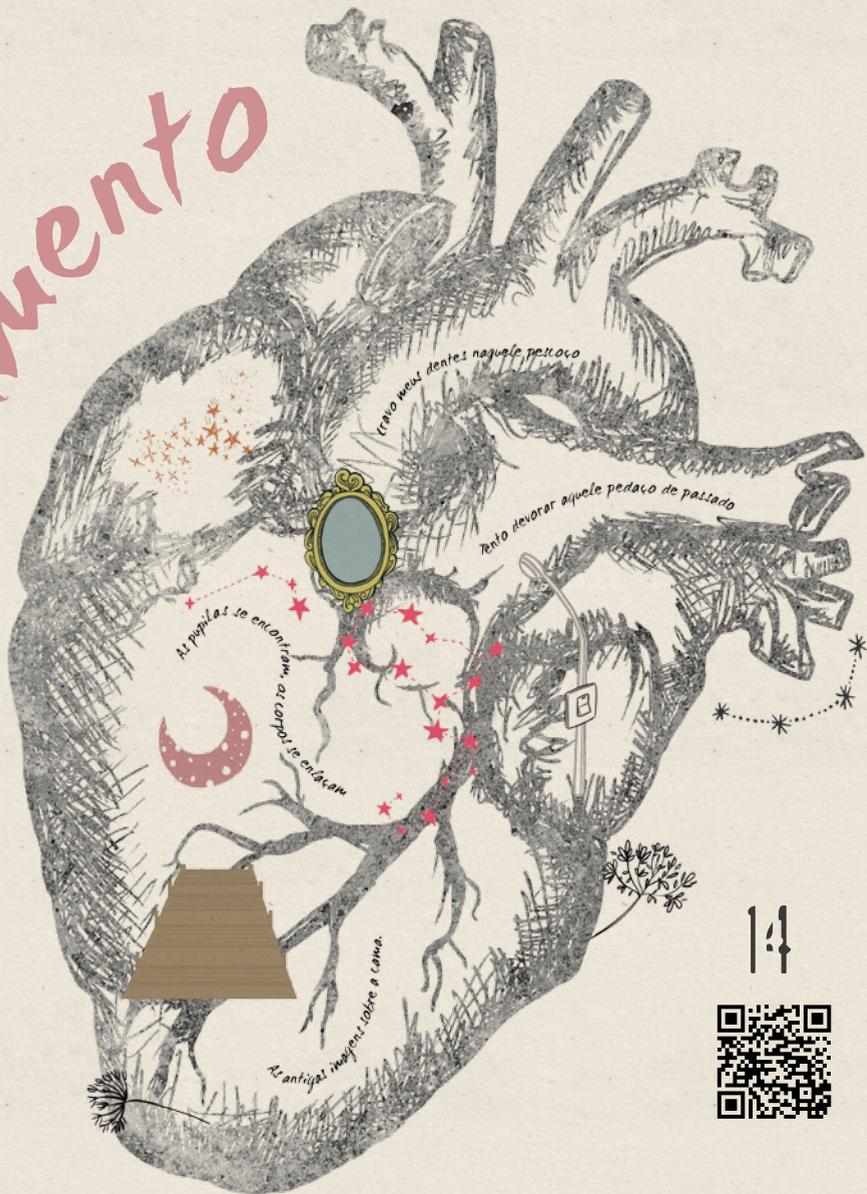
jornada. Não era o todo que impressionava, mas as pequenezas somadas. A experiência percorre os poros. Já não sabíamos qual era o gosto do nosso próprio nome. A aventura mistura, pertence. Ficamos paradas. Quatro voltas do sol. O mundo seguia. Era necessário descer. Como deixar as nuvens? Lá embaixo ainda há céu. Estamos contaminadas pelo tempo, usamos as mesmas expressões. Nos percebemos quase irmãs. A montanha no mesmo lugar. E assim, preferimos descer separadas.

Sou rocha trincada. Corroída. Putrefata. Tudo é passagem agora e eu, inutilmente, procuro segurar o que escorre das minhas mãos. Quero parar o fluxo do rio. Os fins se repetem. As palavras, as relações, o “eu te amo”. O que me pertence de verdade? Profundo silêncio. Fios de cabelo no chão. Quantos cairão até o final do último parágrafo? Celebro o ato de descamar. Um pedaço de pele. Um pedaço de unha. Um pedaço de palavra. Esfrego a minha morte enquanto tomo banho. Retiro o cheiro, disfarço o gosto, camufla o medo. Os pormenores devem ser abortados até que tudo vire ausência e o acaso me transforme em lembrança. Eu peço para que, em breve, não haja mais chão. Nem buracos. Nem padrões. Tento dar o primeiro golpe, sinto a proximidade do instante de coragem que antecede a tempestade, a colisão de mim. Eu queria ser aquela mulher que se atirou na frente do carro em plena W3. Vou até a cozinha e engulo outro passiflora. Recalculo os passos que me afastam dela, repenso a individualidade antes tão almejada, esqueço certezas, as decisões consensuais. Sou carrasca da própria dor. Cogito dar outra chance para a mesma história e procuro um final plausível. Volto a ter quinze anos. Relembro

os encontros diários encharcados de intimidade, as bocas e bocetas se agrupavam “sem querer”, espasmos involuntários. Vislumbro Ela dormindo na antiga cama. Esbarro nos mesmos preconceitos velados, nas vontades já descobertas. Meus hormônios saltam enquanto escuto o choro de um bebê na varanda da vizinha. Releio textos feministas, discorro sobre o tema. Posto nas redes sociais qualquer coisa sobre liberdade que li na página de um pop guru. Dou voltas de bicicleta, recito uma poesia dentro da passagem subterrânea. Tento encontrar o pouco de mim que resta sem Ela.



Acabamento



Urano nos dentes naquele peitoral

Penso lembrar aquele pedaço de passado

As pupilas se encontram, os olhos se enlaçam

As antigas imagens sobre a cama.

14



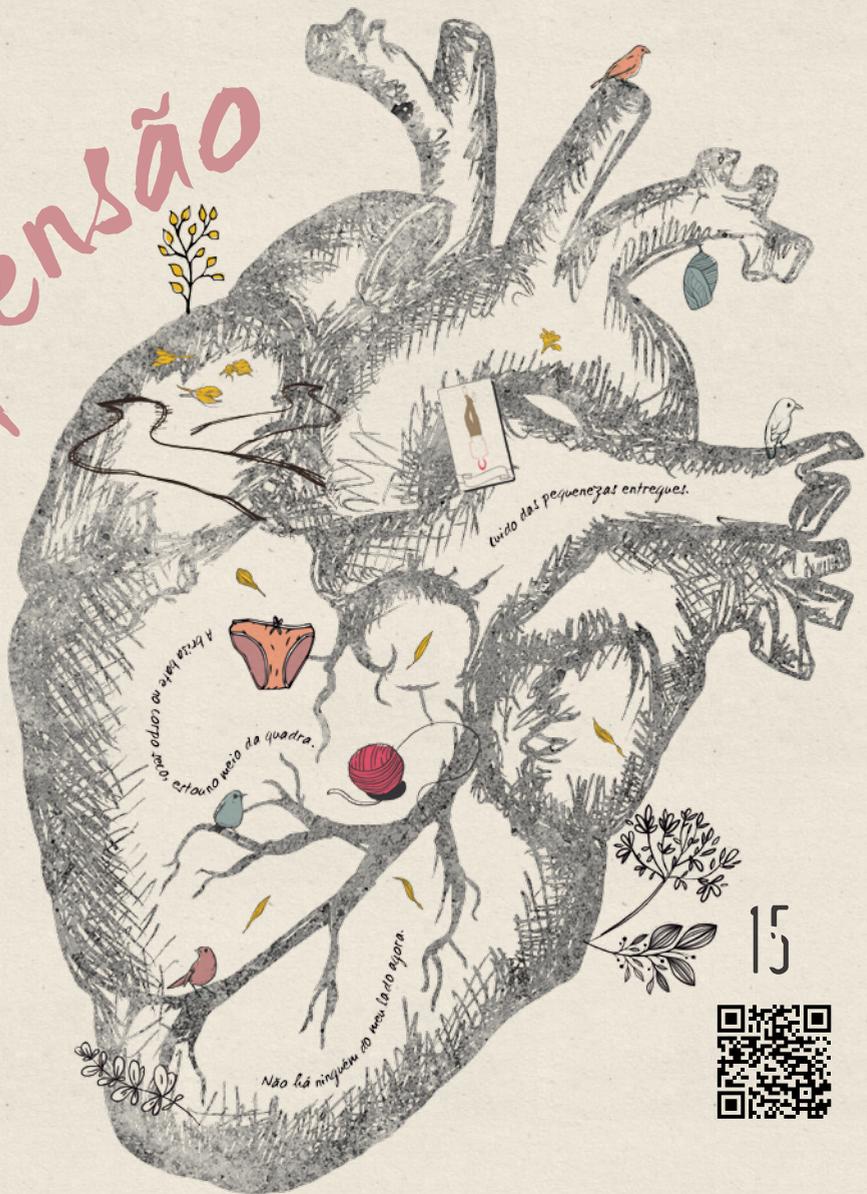
Podada, cortada e lixada. Tomou banho de verniz para encobrir seus poros a tornando, num primeiro momento, impenetrável. Fixada com dois pregos grandes e profundos, foi acomodada junto a outras. Aceitou o molhar do lago, os pingos da chuva, o quente do sol, a ação do tempo. Mesmo puida, se mantém sendo ponte para os pés de antigos amantes.

O reencontro está marcado no píer ao final da tarde. Eu ando pelo deck de madeira desgastada, o sol está na beira do horizonte, as cores já se exibem, escolho meu lugar, estendo um pano e observo o lago. Escuto o barulho dos passos que se aproximam. Dois beijos rápidos no rosto e o terceiro, já na boca. A quem a gente podia enganar? Nossas línguas ansiosas saboreavam a saudade latente de três longos meses de separação. Tínhamos as mesmas bocas. Continuava com aquele brilho nos olhos, a voz parecia lambe as palavras que saltavam a cada momento, as mãos se entrelaçavam novamente. A gente vibrava o reencontro. O sol batia, de leve, na nossa cara e a erva queimada facilitava as respirações. Com a desculpa de um copo d'água entramos na minha casa. Vamos direto para o quarto, colocamos Janis Joplin na vitrola e rapidamente, a nudez decora o quarto. É nos pés que começamos a dança. A boca começa a chupar os meus dedinhos, caminha de forma delicada pelas pernas, coxas e seios, depois desce até a fonte e se deleita. Começa passar a língua em mim, como se cada lambida fosse uma homenagem ao que vivemos, faz questão de varrer todo o terreno e depois começa enfiar delicadamente os dedos. O som da água começa a brotar, escancarada, eu escorro. Cravo os meus dentes naquele pescoço,

tento devorar o pedaço do passado, espalho a saliva por cada centímetro: boca, nariz, nuca, pernas, peito, mãos, costas, querereres. As pupilas se encontram, os corpos enlaçam. Escorregamos, mergulhamos, preenchamos. Minhas pernas se contraem com força e ressaltam a falta que me revira do avesso. Há um espelho no quarto que reflete a gente, sua condução com tamanha destreza, e eu, agrupada, encaixada, ofereço os meus buracos. Morde os meus braços, quer comer o cheiro familiar, engolir o gosto específico da intimidade. Conjugamos, sem dar importância ao tempo verbal, às antigas imagens exibidas sobre a cama e ao último gozo, é da verdade que a gente se lambuza. Certifico que não podemos mais repetir a mesma cena. Apesar de o regalo salivar a boca, essas esporádicas refeições que degustamos em conjunto são partes do desmame necessário para o fim. A lua minguante risca o céu. Esse minúsculo sorriso que vejo sumirá nos próximos dias e serei banhada por uma ausência fictícia desse pedaço de pedra romantizado que circula a Terra. No espaço, ela continua cheia, gorda, imensa, sem variação, mas aqui - por sorte - há o balanço que traz a negra noite e reinicia um movimento que chamamos de Revolução. Se os postes tivessem interruptores, eu os apagaria para aspirar a escura revolta. Poderia alinhar as estrelas, vivas e mortas, fiando outras constelações e criar assim aspectos mais favoráveis para a batalha constante.



Suspensão



luido das pequenezas entreteus.

A festa bate no corpo e no
estano nero da quadra.

Não há ninguém do lado ayora.

15



Após se desfazer de toda pele, assume a posição da décima segunda carta do baralho, pendurada de ponta-cabeça num galho de uma barriguda florida, a mulher tece fios de seda e os emaranha em volta de si. Costurando a si própria, dando laços na carne exposta, a mulher sublima a dor e torna-se uma crisálida translúcida em um canto da cidade.

A brisa bate no corpo seco, estou no meio da quadra. Observo os caminhos do desejo que tracejam vias que não foram previamente planejadas. Compartilho tais solos. Quanto mais se anda, menos se é. Sento embaixo de um ipê, ele está com poucas folhas, essas morrerão para que a árvore se abra em flores amarelas, vire um buquê urbano digno de fotos e poemas. Os visitantes tentarão eternizá-la, mas ela própria entende que também não poderá se apegar às pétalas e, logo após as flores saírem, sentirá em seus galhos o desprender de cada uma delas que cairão lentamente, em espirais, dançando com a gravidade, em direção ao solo. A chuva de flores produzida pelo encantamento dessa soltura tecerá o tapete circular amarelado em volta da árvore, assim o altar estará pronto e as raízes - o início de tudo - receberão suas oferendas. É nesse cenário que removo a culpa, enxugo a dor que encharca o peito e agradeço o ocorrido. Aceito o que não me pertence, o que eu não controlo. Cuido das pequenezas entregues durante o percurso e, agora, volto a atravessá-lo sozinha. Ainda assim, anseio adquirir o dom de orquestrar os pássaros, mesmo crendo que a verdadeira harmonia aconteça no silêncio apenas.

Não há ninguém do meu lado agora. Passo a mão na minha barriga e sinto o inchaço, os seios e a cabeça dolorida. Subo para o apartamento, vou ao banheiro outra vez, examino a calcinha: nenhum sinal do sangue que ultrapassou os 28 dias. Sentada na privada, relembro a sequência intensa de *flashbacks*, tento encontrar o momento que “isso” teria acontecido, mas mesmo com muito esforço, não consigo achar uma explicação plausível pra o fato. O reflexo no espelho exhibe o meu descompasso, a imagem da loucura e garanto que, agora sim, todos podem me nomear por esse adjetivo. É diferente de quando nos acusam de uma maluquice débil apenas para desvalorizar as ideias e palavras proclamadas por uma boca feminina. Hoje me permito a insanidade diante da promessa criativa que se apresenta nesse banheiro apertado. Como será que os homens reagiriam se soubessem que tem algo crescendo entre as suas vísceras? Uma coisa que lhes sugará a energia, a liberdade, a vitalidade e que vai rasgá-los por dentro e por fora, não apenas quando for expulso, mas também depois, quando o peito do criador já estiver envenenado eternamente pelo apego à sobrevivência daquela pequenina criatura?

Volto pro quarto, deito no meio da cama, coloco o quartzo rosa no chacra cardíaco, fecho os olhos e começo a me entregar ao sono.



Imersão



Sem calçada, asfalto, concreto. Não há paralelas ou perpendiculares. O único caminho é o desejo. São os pés que transformam a terra. É o corpo que suja o barro. A força motriz do acaso. A cidade está à beira, o cimento fresco. Caminha-se para dentro. Ser a própria obra, criar a tua via.

Estou nua, a barriga enorme, andando por um campo circundado de pedras. Sobre as mesmas rochas, há um borão verde que descortina vagarosamente copiosas árvores. Já aqui embaixo, piso num pasto desbotado, o capim me lembra o trigo: hastes longas, coloração bege e sabugos nas pontas. Vejo flores miúdas escondidas entre o mato, elas são tão ínfimas que eu certamente estou esmagando várias com as minhas pisadas. Há apenas uma estrondosa árvore no centro do pasto. Com o tronco bem grosso, firme, e um galho perfeito para prender um balanço, a árvore me chama. Sou acolhida pelas suas raízes, observo as folhas arredondadas, leves e abundantes. Ao lado da árvore tem uma fogueira ainda acesa, uma manta grossa e um galão de água. O céu camaleônico dança, sinto pontadas na espinha e também movimentos bruscos no abdômen, respiro profundamente. Algo desce do meu ventre, passo a mão, é uma gosma gelatinosa com alguns pontos de sangue. Sinto dores intensas que atingem as costas, as pernas e também lugares que eu não consigo identificar. Me viro para o fogo, o calor alivia as contrações. Toco na entrada da minha boceta e sinto a dilatação, o espaço aberto, a saída, o círculo de fogo. Os movimentos de força são involuntários, me sento de cócoras em cima da manta estendida ao lado da fogueira, emito sons primordiais, encaminho toda potência para pelve e sinto

descer a bolsa inteira. Alcanço a plenitude. Pego em minhas mãos a cápsula, a rasgo delicadamente, o líquido quente derrama e sobre o meu colo tenho um pássaro brilhante. Apesar do recente nascimento, meu filho não se parece com um filhote. Ele é robusto, grande, se assemelha a uma águia, mas seus olhos são tão suaves e ternos quanto os da águia são altivos e ameaçadores. As penas que cobrem seu corpo são cintilantes, o tom da plumagem é avermelhado com partes puxadas para o roxo e também o dourado. Tem uma beleza sublime, exuberante, doce e, ao mesmo tempo, selvagem. O bico dele é longo e perfurado com dezenas de orifícios que o equipara a uma flauta encantada, percebo que cada abertura em seu bico produz um som diferente, e cada um desses sons revela pra mim um segredo particular, sutil e profundo. O céu começa a desenhar uma mandala dourada sobre a minha cabeça, percebo que é o canto do meu filho que harmoniza a construção dessa formação geométrica. A mandala é composta de círculos múltiplos espaçados uniformemente, um círculo sobrepõe o outro, de modo que os mesmos formam uma flor no centro, em volta há mais seis flores simétricas, elas se multiplicam infinitamente conforme o timbre entoadado. Aos poucos, a mesma forma se desfaz quando o pássaro para de cantar e o silêncio se apresenta. O sol começa a se esconder entre a fresta de duas rochas, meu filho abre as asas e nós iniciamos o voo. Começamos a nos embriagar nas nuances rosas, alaranjadas, turquesas, marinhas, roxas. Encontramos térmicas que nos dão impulso para subir ainda mais alto, paramos o nosso movimento e apenas sentimos o fluxo do vento que nos leva. Também perfuramos nuvens que nos abraçam com o frio gélido revigorante. Gosto de fechar os olhos e sentir o amontoado de fumaça agrupada, umedecendo a minha pele quando eu

transpasso. Olho para baixo e percebo que estou em cima da cidade. As luzes lembram o esparramar de lavas vulcânicas, elas piscam, vibram e tecem a teia luminosa no meio do escuro. É uma ameba que tenta cada vez mais fagocitar o negrume que a cerca. Está viva e se movimenta. Tem agrupamentos bem marcados e também linhas finas que correm do centro para as extremidades. É no meio da concentração luminosa que eu enxergo a pequena ave brilhante de asas abertas, talvez seja o reflexo idêntico do pássaro que me trouxe aqui. Vejo o plano urbanístico desenhado pelos deuses arquitetos que abrigam a multidão sonolenta a qual eu também integro. Estamos presos nos blocos, nos corpos e nas camas. Desço pra perto das luzes, sinto o cheiro do asfalto, sobrevo o jardim de tesourinhas, as vias desertas, percorro as siglas inventadas livremente. Os pardais estão abaixo de mim, vez ou outra dou um rasante e passo abaixo dos viadutos. Sigo até o lago que sussurra e me convida. Jogo-me nas águas, sou banhada pelo impulso de vida, lateja no centro do meu peito o amor real. Vem em paz, sem bifurcações, meandros ou edificações externas. Degusto incontáveis constelações estelares e, enfim, a liberdade me alcança.



Devir

Seu coração está invento,
o ventre cheio
de água.

Sente a fereja no corpo e a resistência nas ações.

Resistente de si e de tudo que
está em seu corpo aberto.
Mas, um voz



17



Há um fluxo de ar contínuo que passa pelos pulmões. Sente a leveza no corpo e a resistência nos ossos. Seu coração está imenso e o ventre cheio de agora. Há uma alta velocidade de fluxo sanguíneo, garantindo oxigênio para o todo o percurso. A mente silenciosa e aberta aceita a força da ascensão, entende o valor das manobras e a importância de experimentar diferentes direções. E assim, gigante em si, a mulher realiza mais um voo solo a céu aberto.

Desperto meio baratinada, rememoro o sonho inteiro, a beleza do filho-pássaro, o grande voo e principalmente o mergulho no lago. Percebo que estou molhada de sangue e o lençol está pintado. A menstruação, enfim, desceu. Deitada na minha tenda vermelha, eu sangro a felicidade do novo ciclo. Não me preocupo em tampar o fluxo, aceito o verter da intensidade rubra. Alcanço a caixinha de madeira ao lado da cama, pego seda, piteira, tabaco e o haxixe. Enrolo o cigarro com a calma dos yogis, acendo e me delicio com alguns tragos. Ando até o banheiro deixando gotículas de sangue pelo trajeto. Desenho o mapa com meu próprio pigmento. Depois, tomo um banho brando e sinto a água escorrer pela cabeça. Eu celebro o encontro. Saboreio as cerejas doces que desmancham na minha boca. É a vida, é o amor. Vou até a sala, Coloco uma voz feminina na vitrola, abro o computador e digito as letras iniciais do meu primeiro romance.



Sobre a

autora



Patrícia Del Rey nasceu em 1983, em Salvador, mas se considera candanga e é apaixonada por Brasília. Formada em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília - UnB, a poeta é fundadora do Coletivo Transverso e da Andaime Cia de Teatro.

Em 2011, a autora foi contemplada pelo Fundo de Apoio à Cultura - FAC da Secretaria de Cultura do DF para a publicação do seu primeiro livro "Entreaberta", coletânea de textos e imagens do blog homônimo. Teve seus textos adaptados para criação do espetáculo "Poéticas Urbanas" pela Andaime Cia de Teatro. A peça circulou em diversos Festivais de Teatro Brasileiro e também em Portugal, na cidade do Porto, sendo parte da programação do FITEI - Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica.

Teve suas poesias publicadas no livro Atenção Isto pode ser um poema, do Coletivo Transverso, lançado em 2018. A publicação reúne as criações poéticas do coletivo e compartilha com o leitor a memória do processo criativo através do registro e história das intervenções. As obras reunidas na publicação estão espalhadas pelas ruas de Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, Barcelona, Lisboa, Berlim, entre outras.

Cimento Fresco é sua primeira novela literária.





/BRASÍLIA JULHO DE 2019
/IMPRESSÃO SUPERNOVA GRÁFICA
/PAPEL POLEN BOLD 90 G/M²
/EXEMPLARES 1.000
/TIPOGRAFIA OPEN SANS & CAVEAT

A analogia entre livros e labirintos, imortalizada por Borges, foi a primeira memória que me veio quando terminei de ler Cimento Fresco, com um adendo apropriado: livros podem ser labirintos porque a condição humana também é, e labiríntica brinca com os passos e com as perdas de direção, na eterna busca por saídas. Do mesmo modo, o ordenamento ao mesmo tempo ilusório & comprovável do Caos - não raro convencionalizado chamar-se de “destino” - nada mais é que o encadeamento de decisões diretivas no transpassar de áreas do Labirinto, que para efeito metafísico borgeano adequado, deve ser inscrito em círculos eternos, iniciando a vida no mais externo deles e traspassando um a um, em busca de um centro mítico. Esta obra da Patrícia é assim.

Ela traz a partir da ótica de um labirinto-pessoa, uma narrativa cheia de passos à direita e à esquerda, e retornos, e desorientações, e conclusões ilusivas. Para adicionar um componente no mínimo estimulante, a trama se desenvolve na aproximação progressiva de três labirintos, em processo ora de intersecção ora de afastamento, pulsante. Na linguagem crua que é marca dela, é possível se reconhecer ali, perdida junto com as personagens convictas do caminho.

A decisão de transpor essa estrutura fragmentada em caminhos psíquicos para a estrutura física da cidade – através de QR Codes espalhados por Brasília que acionam áudios! - é genial, porque reforça o que na minha opinião é a essência da obra: entre um passo e outro é possível refletir até o próximo momento decisório (direita ou esquerda?), então faça! Reflita. Experimente o deleite inigualável que a sensação de ser dono do caminho traz.

HENRIQUE ROCHA

curador e produtor de festivais
de literatura, música e cinema

ESTE PROJETO É REALIZADO COM RECURSOS DO FUNDO DE APOIO À CULTURA DO DISTRITO FEDERAL

FAC FUNDO DE APOIO À
CULTURA
DO DISTRITO FEDERAL

T
V
E
R
S
O
A
N
S


ANDAIMÉ
cia de teatro


ilhadesign

Secretaria
de Cultura



ISBN 978-85-912661-1-1



9 788591 266111